

PREFÁCIO À EDIÇÃO PORTUGUESA

Escrever um livro intitulado *Da Quipá até à Cruz* pode parecer, para muitos, uma verdadeira loucura. E, no entanto, não é exatamente assim que São Paulo fala da cruz?

«A linguagem da cruz é certamente loucura para os que se perdem mas, para os que se salvam, para nós, é força de Deus» (1Coríntios 1,18).

E, alguns versículos depois, lê-se: «nós pregamos um Messias crucificado, escândalo para os judeus e loucura para os gentios. Mas, para os que são chamados, tanto judeus como gregos, Cristo é poder e sabedoria de Deus» (1 Coríntios 1, 23-24).

Toda a originalidade do cristianismo já se encontra aí. Não se baseia apenas naquilo que a inteligência humana pode compreender, demonstrar ou explicar. Assenta numa iniciativa de Deus que ultrapassa infinitamente a razão sem nunca a contradizer. O sobrenatural entra no natural. O divino vem unir-se à nossa humanidade.

Esta lógica perpassa toda a história da salvação.

Desde o princípio, Deus cria o homem. Não porque lhe falte algo, mas porque Ele ama. O desejo de Deus nunca é uma carên-

cia; é um poder criador. Depois, Ele prepara um jardim especial para o homem.

«O Senhor Deus plantou um jardim no Éden, ao oriente, e nele colocou o homem que havia formado» (Génesis 2, 8).

Mesmo antes de trazer Adão para o Éden, Deus preparava-lhe uma morada. Esta é mais uma forma de agir que transcende os nossos raciocínios humanos. Deus precede sempre o homem no seu amor.

Esta pedagogia divina atinge a sua plenitude na Encarnação. O Verbo faz-Se carne. O infinito aceita os limites do tempo. O Criador entra na sua criação. Deus faz-Se homem para que o homem possa redescobrir a sua verdadeira vocação.

Depois vem a cruz.

É claro que podemos explicar o seu significado teológico. Ela é o sacrifício perfeito. Ela obtém o perdão dos pecados. Ela manifesta o amor absoluto do Pai. Tudo isto é verdade.

Posso explicar tudo ao pormenor.

Posso falar de Redenção.

Posso falar de sacrifício.

Posso falar do perdão dos pecados.

Posso falar da vitória sobre a morte.

Tudo isto é verdade.

Mas, antes de tudo isto, houve esta Presença.

Uma Presença silenciosa.

Uma Presença que não se impunha.

Uma Presença que atraía.

Como Jesus tinha anunciado:

«E eu, quando for erguido da Terra, atrairei todos a Mim»

(João 12, 32).

Olhando para trás, para a minha vida, compreendo agora que esta profecia já estava a cumprir-se sem que eu soubesse.

Eu não estava à procura de Cristo.

Era Ele que me procurava.

Eu não ia ter com Ele.

Era Ele que vinha ter comigo.

Como desde o princípio, Deus toma sempre a iniciativa.

É Ele quem procura Adão no jardim.

É Ele quem chama Abraão.

É Ele quem chama Moisés.

É Ele quem chama os profetas.

É Ele quem vem até nós em Jesus Cristo.

E é Ele de novo quem atrai os corações para o seu Filho crucificado.

Por vezes, tudo o que é preciso é olhar para Jesus na cruz.

É por isso que este livro não é, primordialmente, a história da minha busca de Deus.

É a história do amor de Deus por mim.

É a história de um amor que me precedeu ainda antes de eu poder retribuir.

Desde a minha infância que a sua presença na cruz me atrai de uma forma que não consigo explicar. Não me refiro principalmente à razão. Refiro-me a uma presença. A uma paz. De um olhar que acalma a alma. Diante da cruz, descubro um amor que transcende as palavras.

O bom ladrão é um dos seus mais belos testemunhos.

Quando tudo parece perdido, quando Jesus está desfigurado, humilhado e moribundo, ele atreve-se a dizer: «Jesus, lembra-Te de mim, quando estiveres no teu Reino» (Lucas 23, 42).

Como pode um homem reconhecer um Rei num condenado que morre na cruz?

A inteligência humana, por si só, é insuficiente para responder. Algo maior se abriu no seu coração. Uma luz de Deus permitiu-lhe ver o que os olhos da carne não podiam discernir.

É isso que perpassa toda a história que irei contar.

Que um pequeno rapaz nascido numa família judia seja misteriosamente atraído por Jesus crucificado pode parecer incompreensível. No entanto, é exatamente assim que Deus age. O sobrenatural vem tocar o natural. Deus encontra o homem no mais íntimo do seu coração.

Quanto mais os anos passam, mais descubro que todos os conflitos do nosso mundo encontram a sua verdadeira resposta na cruz de Cristo.

São Paulo afirma-o com veemência:

«Com efeito, Ele é a nossa paz, Ele que, dos dois povos, fez um só e destruiu o muro de separação, a inimizade, na sua carne» (Efésios 2, 14).

E ainda: «por Ele e para Ele, reconciliar todas as coisas, pacificando pelo sangue da sua cruz, tanto as que estão na Terra como as que estão nos céus» (Colossenses 1, 20).

A cruz reconcilia a Terra com o Céu.

Reconcilia o homem com Deus.

Reconcilia o homem consigo próprio.

Ela reconcilia os povos.

Traz uma paz que nenhuma negociação humana pode produzir de forma duradoura.

O diálogo é necessário, mas não é suficiente quando cada pessoa ainda fala a partir do seu homem velho. Cristo vem em primeiro lugar para transformar o coração. É aí que nasce a verdadeira paz.

Pois Deus não nos pediu para procurarmos os nossos próprios interesses em primeiro lugar. Ele revela-nos o seu próprio amor.

«Tanto amou Deus o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que crê n'Ele não se perca, mas tenha a vida eterna» (João 3, 16).

E, quando acolhemos esse amor, algo novo começa.

O nosso homem velho é crucificado com Cristo.

«[...] o homem velho que havia em nós foi crucificado com Ele» (Romanos 6, 6).

Uma nova humanidade pode então nascer.

É essa viagem interior que desejo partilhar neste livro.

Faço-o com profundo respeito pelos meus irmãos judeus, aos quais pertenço pela carne. Conheço o seu amor a Deus, a sua fidelidade às Escrituras e a sua esperança. Não os julgo. Muito pelo contrário.

Faço minhas as palavras comoventes de São Paulo: «Tenho uma grande tristeza e uma dor contínua no meu coração. Desejaria ser amaldiçoado, ser eu próprio separado de Cristo, pelo bem dos meus irmãos, os da minha raça, segundo a carne» (Romanos 9, 2-3).

O meu único desejo é dar testemunho, com humildade e gratidão, d'Aquele que descobri como o Messias de Israel, o Salvador do mundo e o Príncipe da Paz.

Se puder levar ao menos um leitor a erguer os olhos para o Crucificado com o olhar do bom ladrão, este livro terá então cumprido plenamente o seu propósito.

Pois a cruz, que permanece uma loucura aos olhos do mundo, será sempre, para aqueles que se deixam atrair por ela, o poder de Deus e a sabedoria de Deus.